

UNIVERSIDADE DO CEARÁ

1.º ANIVERSÁRIO

NOTÍCIA

Comemorando o primeiro aniversário de sua instalação oficial, a Universidade do Ceará levou a efeito brilhantes festividades que contaram com a participação, entre outros, de S. Ex.^a o Sr. Ministro da Educação e Cultura, Prof. Dr. Clóvis Salgado e da luzida comitiva que o acompanhou, composta do Prof. Dr. Jurandir Lody, Diretor do Ensino Superior, Prof. Dr. Pedro Paulo Penido, Ex-Reitor da Universidade de Belo Horizonte e atual Presidente do Conselho Nacional do SESI, Maestro Camargo Guarnieri e funcionários da administração federal.

Por essa ocasião, foi solenemente inaugurada a sede própria da Reitoria, em distinto palacete situado no bairro do Benfica.

No ato inaugural, o Magnífico Reitor, Prof. Dr. Antônio Martins Filho, abrindo a solenidade, realçou a significação do evento, tendo a Exma. Sr.^a D. Albaniza Rocha Sarasate, esposa do Governador do Estado, descerrado a fita simbólica.

Proferiu a oração oficial o Vice-Reitor, Prof. Dr. Manuel Antônio de Andrade Furtado.

Discursou em seguida o Governador Paulo Sarasate, formulando as congratulações do Executivo cearense pelo significativo acontecimento, falando, por último, o Prof. Clóvis Salgado, pondo em destaque o papel reservado à Universidade do Ceará, no âmbito da organização universitária brasileira.

O Exmo. e Revmo. Sr. D. Antônio de Almeida Lustosa, Arcebispo Metropolitano, com o ritual próprio, procedeu à benção do prédio.

Constituiu a parte culminante do programa levado a efeito, a Assembléia Universitária, realizada na Faculdade de Direito, quando, oficialmente, foi recepcionado o Sr. Ministro da Educação e Cultura pelas Congregações das unidades integrantes da Universidade.

Ao ensejo, o Magnífico Reitor, Prof. Dr. Antônio Martins Filho, fez, em importante discurso, o relato das realizações da Universidade no seu primeiro ano de existência, traçando o roteiro dos futuros empreendimentos programados, no propósito

de levar a instituição ao integral cumprimento de suas elevadas finalidades.

Seguiu-se primorosa oração proferida pelo Prof. Dr. Dolor Barreira, da Faculdade de Direito do Ceará, em saudação ao Ministro, discursando, depois, o acadêmico Tarcísio Sisnando de Lima, pelos universitários cearenses.

A conferência do Ministro Clóvis Salgado, versando o desenvolvimento sócio-econômico e cultural do homem através dos tempos e salientando a influência da universidade no mundo bodierno e no seu progresso, rematou a brilhante Assembléia.

Ainda como parte das comemorações, realizou-se, no Náutico Atlético Cearense, imponente banquete oferecido ao Prof. Clóvis Salgado e sua comitiva, pelo Govérno do Estado e pela Universidade, constando o ágape de trezentos talheres, a êle comparecendo as autoridades e professôres das diversas Faculdades em funcionamento nesta Capital. Falou em nome da Universidade o Prof. Dr. Jurandir Picanço, Diretor da Faculdade de Medicina do Ceará e, em agradecimento, o ilustre homenageado.

Finalmente, o Governador do Estado levantou um brinde ao Exmo. Sr. Presidente da República, Dr. Juscelino Kubitschek de Oliveira.

Também no Náutico Atlético Cearense, no seu Salão Nobre, realizou-se com grande êxito um Recital de Canto do soprano lírico — Lia Portocarrero Salgado, DD. espôsa do Prof. Clóvis Salgado.

Na brilhante reunião, integrante da parte artística do programa organizado para comemorar o aniversário da Universidade, o Magnífico Reitor, Prof. Martins Filho, fêz a apresentação da ilustre dama, salientando o regozijo de todos pela oportunidade de conhecer a arte do festejado soprano.

Acompanhada ao piano pelo conhecido compositor e maestro Camargo Guarnieri, D. Lia Salgado, atendendo à expectativa geral, conseguiu impressionar a seleta assistência, com magníficos números de canto, numa bela demonstração artística, interpretando Bach, Mozar, Schubert, Schumann, Fauré, Nepomuceno, Vila Lobos, Mignone, Guarnieri e outros.

A seguir, damos publicidade às orações principais proferidas no decorrer dêsses atos comemorativos.

MISSÃO DA UNIVERSIDADE BRASILEIRA

Conferência pronunciada pelo Exmo. Sr. Ministro da Educação e Cultura, PROFESSOR DR. CLÓVIS SALGADO, na Faculdade de Direito, por ocasião da Assembléia Universitária comemorativa do 1º aniversário da Universidade do Ceará.

Todos os estudiosos que se preocupam com a evolução da vida brasileira são acordes em reconhecer que atravessamos uma fase da maior significação para o nosso futuro de povo livre. Atingimos a um ponto crítico. Estaríamos a sofrer uma crise de crescimento. Biologicamente, estaríamos no limiar da maturidade, sofrendo as transformações e os abalos de uma viçosa puberdade. Economicamente, estaríamos a lutar contra setores de estrangulamento, que entravam o nosso progresso. Uma vez vencidos, largas estradas estariam abertas a nossa frente, convidativas e promissoras. Demograficamente, a população, em rápido crescimento e em marcha para os centros urbanos, força a expansão industrial, como único meio de sobrevivência e progresso. Historicamente, o Brasil vê chegado o momento da emancipação econômica, pela exploração dos recursos naturais do solo e fabricação das próprias máquinas do seu parque fabril. Socialmente, assistimos ao clamor das massas obreiras, cada vez

mais numerosas, por uma vida melhor, de mais conforto e segurança. Formar, politicamente, uma força em plena expansão, que reclama direitos. O Estado terá de preparar-se para atendê-los. Culturalmente, o Brasil que se liberta e afirma, em todos os campos, vencendo a condição colonial, vencerá também a alienação espiritual em que tem vivido. Desenvolverá, consoante seus interesses e aspirações, uma cultura própria, que nos ajude a viver como povo livre.

Por tudo isso, pela pressão de fatores históricos, econômicos, sociais, políticos e culturais, o Brasil terá de dar um passo à frente e afirmar-se perante o mundo, como Nação soberana e próspera. Não poderá deter-se, nem recuar. Como organismo vivo, deve crescer e renovar-se. A alternativa seria a estagnação, o definhamento e a morte. Longe disso, temos, pela frente, séculos de progresso, cuja aurora começa a despontar no horizonte.

O Brasil é país do futuro. Um país para ser construído. Construído pela inteligência, pelo trabalho e pela fé dos brasileiros. Não conseguimos, sequer, ocupar todo o nosso território. Largas extensões de terras, a Oeste, aguardam nossa chegada. Temos apenas arranhado o solo, em exploração agrícola, rotineira e mutiladora. As riquezas do subsolo permanecem quase intactas e desconhecidas.

Nesse quadro gigantesco, em que o imenso País faz titânicos esforços para realizar verdadeira mutação orgânica, reestruturando-se de alto a baixo, às Universidades cabe um papel relevante e indisfarçável. Cabe-lhes preparar os soldados da produção e os generais capazes de conduzi-los à vitória, pelos caminhos mais seguros e fecundos. Educar o pessoal técnico e as elites pensantes, que promovam o progresso material e tracem as linhas mestras do desenvolvimento nacional, com sabedoria e são patriotismo.



A verdade é que o homem e a natureza formam um todo único. O homem está integrado na natureza, da qual tira os elementos para a própria vida. A separação entre o homem e a natureza é apenas convencional e finalista. Julgamo-nos o centro do universo. Por isso, há o homem e as outras coisas. O esforço do homem será, dêsse modo, por tudo o mais a seu serviço. A princípio, dispondo de recursos rudimentares, teve de adaptar-se à natureza, incapaz que era de modelá-la a seu gosto e proveito. Ia em busca dos frutos, da caça e da pesca, munido apenas das mãos, guiadas pelo instinto da própria conservação. Na luta pela sobrevivência, tinha de enfrentar, por vêzes animais, muscularmente mais poderosos. Para vencê-los, começou a inventar instrumentos. Deve ter descoberto, em primeiro lugar, e logo aperfeiçoado, a capacidade de atirar pedras e outros objetos a distância, para atingir os inimigos da floresta. Depois, passou a brandir, como armas agressivas, pedaços de madeira, que permitiam combater a certa distância e aumentar a violência dos golpes. Um dia, aprendeu a aguçar o sílex para cortar a madeira e retalhar as prêsas. Assim, deverá ter construído as primeiras habitações e coberto o próprio corpo com a pele dos animais. Já podia abandonar as cavernas e entrentar as intempéries. Aguçou varas compridas, como lanças. Amarrou um pedaço de sílex, de aresta acerada, na ponta de um cabo de pau, criando o primeiro machado, instrumento terrível pelo corte, pelo pêso e pelo alcance. Polindo o sílex, para melhor afiar as suas armas, deverá ter descoberto o fogo, com o que iniciou nova era na sua evolução. Pôde aquecer a casa, dilatando o seu domínio a regiões mais frias, situadas ao norte. Pôde cozinhar raízes, tubérculos, frutos e grãos, ampliando as oportunidades alimentares. Muito mais tarde, valendo-se do fogo, pôde fundir o bronze e o ferro, e preparar instrumentos cortantes e agressivos de maior potência, para as artes da guerra e da paz. Aprendeu a domesticar e a criar os animais, para seu próprio sustento

e trabalhos grosseiros. Viver da caça e dos recursos naturais da floresta exigia uma área de cerca de 20km² por pessoa. Criando animais nos prados que iam surgindo com o recuo da área glacial ao norte, a situação alimentar ia melhorando, mas o grande passo, nessa direção, foi a agricultura. O homem, já munido de machados, foices e enxadas, iniciou o plantio da cevada e outros cereais nos vales férteis. Aprendeu a colher e conservar os grãos, em potes de barro e grandes depósitos, o que permitiu o crescimento da população. Já agora, aquela área de 20km², bem cultivada, podia sustentar 6 mil pessoas. Para vestir-se, o homem passou a fiar e tecer fibras vegetais, criando a indústria de tecidos. As populações cresceram. Iniciou-se o comércio entre os diversos povos. As mercadorias seguiam no lombo dos animais ou em carros que deslizavam sobre rodas. As distâncias marítimas e fluviais foram vencidas por embarcações movidas pela força dos remos e, depois, pelo impulso dos ventos, captados pelas velas.

A inteligência do homem havia domado a natureza hostil, vencendo o frio e a fome, pondo a seu serviço o fogo, os ventos, os animais, as plantas, o ferro, o aço e o bronze. Toda a superfície das terras e dos mares estava agora a seu alcance. Cresceram as populações. Os conhecimentos de um povo passavam a seus vizinhos, seguindo o tráfico das mercadorias. O homem aperfeiçoara a arte de comunicar-se com os seus semelhantes, por meio de gestos, sons e sinais. Desenvolvera o dom da palavra, a linguagem, a arma mais poderosa do progresso humano. Por seu intermédio, um homem ensinava a outros homens o que sabia, e assim, de geração em geração, os conhecimentos se transmitiam como patrimônio comum da humanidade. Veio depois a representação gráfica das palavras, para fixar, de modo ainda mais perfeito, as invenções, o saber e os pensamentos de uma época. Havendo mais vagar e mais segurança, mercê da agricultura, da pecuária, das indústrias e do comércio, as povoações foram crescendo, sur-

gindo classes de homens que não mais trabalhavam em serviços pesados, entregando-se aos misteres do govêrno e do sacerdócio. Havia lazer para pensar, observar, experimentar e inventar novos instrumentos e meios de domar a natureza. Ordenando os conhecimentos isolados, através do raciocínio lógico, o espírito humano ia descobrindo as leis da natureza. Pelo cálculo, era possível prever e medir os fenômenos. Os gregos, mais de 2.000 anos antes de Cristo, já haviam estabelecidos as bases da matemática, os princípios da mecânica e observado corretamente muitos fenômenos naturais, astronômicos, físicos e biológicos. Haviam, sobretudo, descoberto e ensinado como pensar logicamente, usando a razão como instrumento de investigação dos fatos naturais e também das ações humanas. Passaram a analisar as idéias que seus contemporâneos faziam do mundo, da vida e de si mesmos. Passaram a criticar e a filosofar, com o que se ampliava a área do entendimento humano. A inteligência expandia-se e libertava-se de peias e preconceitos. Procuraram interpretar o mundo, a vida e a humanidade. Pretendiam guiá-la, iluminando-lhe o caminho com a luz da razão. Trabalho inútil. O homem, os povos e as nações, embora exhibissem na pele os requintes de uma nobre civilização, no fundo continuavam cultivando os instintos de conservação de seus bárbaros antepassados. Era preciso, antes de tudo, sobreviver. Procurar alimento para as populações que cresciam. Uma nação saqueava, escravizava e destruía a vizinha, como o habitante das cavernas caçava os animais ou desalojava o competidor. Os povos guerreiros, incultos e fortes, destruíam as nações pacíficas, nas quais o conforto da civilização amolecia as virtudes militares. Roma destruiu a Grécia e foi, por sua vez, destruída pelos bárbaros que desciam do Norte. A fôrça das armas impunha o domínio material. Mas, coisa extraordinária: os vencidos ensinavam aos vencedores os seus conhecimentos. O espírito humano triunfava sôbre a fôrça bruta. A inteligência, através dos séculos, produzira e acumulara um

acervo de dados, de leis, de instrumentos, de práticas e de bens materiais sem os quais não seriam mais possível viver sobre a terra. A humanidade, intercomunicante e civilizada, formara, enfim, uma cultura, somando, justapondo e selecionando as culturas nacionais de todos os povos. Os livros e manuscritos fixavam e faziam circular os conhecimentos e as invenções de todos os povos. A queda do Império Romano ensejara a formação de numerosos estados europeus, a partir de nações bárbaras, conquistadas pelo espírito de Roma. O Cristianismo, nova religião do império de Constantino, apossou-se da Europa, e os sacerdotes da fé, que guardavam nos conventos a ciência dos gregos, foram os educadores da era que se iniciava. Era de obscurantismo e estagnação, a idade média, apenas abalada pela invasão dos árabes, que traziam nova grafia dos algarismos e progressos nas matemáticas e na química. A reprodução mecânica da escrita, realizada pela imprensa, veio tirar da obscuridade os velhos textos da sabedoria greco-romana, expondo-os à luz da vida. Renasce o pensamento humano. Organizam-se os Estados, crescem as cidades, desenvolvem-se as indústrias urbanas. Nos campos, está uma população servil, que alimenta os senhores e as cidades. Nestas, estão os comerciantes que compram e vendem mercadorias, e os artesãos que as fabricam. Cada artesão ensina ao filho e aos aprendizes o ofício que aprendeu do mestre. As escolas que vão surgindo, são apenas de letras, ensinando a literatura, o direito, a ciência e a filosofia dos gregos, bem como a teologia. A língua erudita é o latim, cuja influência formadora se sente nas falas nacionais dos povos europeus. Apesar de todos os rigores e policiamentos, o espírito humano não se detém. A terra é redonda e gira em torno do sol. A oeste da Europa deve haver um caminho para as Índias. Aventurando-se a navegá-lo, Colombo descobre a América, terras virgens para alimentar a velha Europa, que assim ganha novo impulso de vida. Newton enuncia as leis da gravidade. Progridem a anatomia e o fisiolo-

gia. A ótica nos fornece o telescópio para sondar o espaço infinito e o microscópio para ver o invisível. Avançam a mecânica e as matemáticas, mas não há forças novas a serviço do homem. Entramos no século XVIII. A humanidade sofre e empobrece. Os velhos dogmas são abalados, pois não resolvem as crises que se acumulam. O espírito humano, ávido de crítica, exige liberdade para destruir os falsos valores e criar uma ideologia para os novos tempos. A nobreza parasitária é destruída, a igualdade entre os homens proclamada. Proclama-se também a primazia da razão. Há que se fazer um esforço para interpretar racionalmente o mundo e descobrir novas leis naturais. A ciência salvará a humanidade. Lavoisier isola os elementos da natureza, com os quais se podem compor todos os corpos existentes e formar outros novos, conforme a necessidade do homem.

Passo decisivo foi a construção da máquina a vapor, que transforma calor em força mecânica, para substituir e multiplicar a energia muscular do homem e dos animais. Montam-se grandes fábricas, organizam-se os transportes terrestres e marítimos, estimula-se o comércio internacional. Estamos na aurora do século XIX, durante o qual a humanidade progredirá mais do que nos milhares de séculos já percorridos. Assiste-se à vitória da ciência e do espírito inventivo do homem. Não há limites à sua curiosidade. Tudo indaga, observa e investiga, munido de instrumentos de precisão, cálculo e registro. A energia propulsora do vapor, desdobrada através de maquinaria cada vez mais perfeita e adaptada a múltiplas e variadas tarefas, permite um avanço veloz das indústrias urbanas. Aumenta a produção industrial. Navios e estradas de ferro podem ir buscar de longes terras alimento para o povo e matérias primas para a indústria. Crescem as populações urbanas, já agora defendidas por uma medicina que desvenda e combate a ação mortífera dos micróbios. A vacina Jenner derrota a varíola, flagelo que eliminara, no século anterior, metade da população

e marcara, no rosto, a outra metade. As cidades são saneadas, os transmissores da morte destruídos nos seus redutos. A assepsia permite manipular órgãos e cavidades do corpo humano sem o risco fatal da infecção. Em 25 anos apenas, floresce a cirurgia como glória maior do engenho humano. As mulheres são protegidas e salvas da temível infecção que as dizimava no próprio e sublime ato de se tornarem mães. Viver passa a ser menos arriscado, depois de Pasteur e da revolução industrial. A média da vida humana se vai estendendo gradativamente, de 30 a 65 anos, nos países mais adiantados. Morre-se menos ao nascer e na 1ª infância. Tudo isso, e mais o alimento abundante, explica que os Estados Unidos possam ter multiplicado 30 vezes a sua população em 150 anos, passando de 5 milhões em 1800 a 150 milhões em 1950.

Já agora, o homem não se contenta com o vapor. Descobre a maravilha da eletricidade, capaz de captar, transmitir e restituir a energia mecânica da máquina a vapor e das quedas d'água. Já agora é possível a comunicação instantânea, através das distâncias, entre os homens. Instalam-se telégrafos e telefones. Mais adiante viriam as ondas hertesianas, o rádio, a eletrônica, a televisão.

Outra força decisiva para o progresso humano nos vem do motor de explosão. A pólvora só nos havia dado engenhos mortíferos e escassas aplicações industriais. O petróleo permitiu-nos a autonomia nas estradas da terra, do ar e dos mares. Passou também a mover as máquinas e aquecer casas e indústrias.

As ciências naturais caminham de vitória em vitória. Novos metais e ligas metálicas são mobilizados do solo e das usinas para se transformarem em utilidades humanas. A química sintetiza novos corpos, para o uso do homem, nos mais variados setores. Os plásticos revolucionam a indústria de tecidos. A borracha sintética substitui, com vantagem, a natural. A quimiote-

rapia ganha magnífico impulso, sintetizando até os produtos biológicos.

Não satisfeito em jogar com as moléculas, o homem quer desvendar os segredos do átomo. Os elementos de Lavoisier, em certos casos, mostram-se instáveis, irradiando energia e transformando-se. Assim o urânio, o rádio, o tório. Aquela energia que espontaneamente se desprendia, era insignificante, prestando-se, no entanto, a usos médicos de transcendente importância. Para utilização em escala industrial, era necessário provocar uma desintegração mais rápida, uma explosão. É o que começamos a fazer, e, como no caso da pólvora e do avião, primeiramente para as artes da guerra. Mas já surgem as primeiras aplicações nas artes da paz, com a produção de energia elétrica. Abre-se nova era à humanidade, com a domesticação dessa formidável fonte de energia. Estamos apenas no seu limiar, mas já entreve-mos suas excepcionais possibilidades. É até provável que a humanidade, que não tem vocação suicida, venha a eliminar a guerra como meio de dirimir as contendas. Assim, terá ganho a paz.

Mas não foram apenas as máquinas que promoveram a prosperidade econômica. São elas, tão somente, parte de um complexo sistema de produção. Sistema baseado em métodos, princípios e bases técnicos. Tudo deve ser ordenado de acôrdo com métodos racionais, que permitam o máximo rendimento dos recursos naturais, da mão de obra e do equipamento. Procura-se a eficiência. Para isso, todos os fatores de retardamento, perturbação e desperdício são eliminados sistemáticamente. Procura-se a melhor maneira de fabricar, conservar, distribuir e consumir as mercadorias. Princípio básico é a fabricação em série, de manufaturas padronizadas, que a máquina poderá reproduzir automaticamente. Abre-se nova era à humanidade, a era tecnológica. Opera-se uma verdadeira revolução no estilo de vida da humanidade inteira, já agora solidária através da velo-

cidade das comunicações terrestres, marítimas e aéreas. Há 6.000 anos o homem vinha vivendo da exploração rotineira da terra, que permitia alimentar uma escassa população urbana: 9 homens na agricultura para 1 na cidade. Hoje, nos Estados Unidos, os dados se inverteram: apenas 1 no trato da terra poderá manter 9 nas atividades urbanas. É uma verdadeira revolução na nossa maneira tradicional de viver. Temos de atualizar a produção dos campos, pelo emprêgo das melhores técnicas, que incluem a máquina, os fertilizantes, a irrigação, as sementes, os inseticidas, os transportes, o crédito e também a saúde, a educação e o conforto do homem rural. Há que conservar, transportar e distribuir a produção agrícola, como matéria prima às fábricas e como alimento às populações urbanas. Organizar o abastecimento das grandes cidades, pelo armazenamento protetor, por uma rede de transportes urbanos e pelo comércio regular. As fábricas deverão ser projetadas de acôrdo com os recursos naturais da região e usar os métodos mais aperfeiçoados de produção, de modo a alcançar o maior rendimento, condição de sua sobrevivência na competição internacional. O próprio govêrno terá de racionalizar os seus serviços e sistemas administrativos. Não é possível governar sem um plano de ação, de âmbito nacional, enquadrado no panorama universal. Os orçamentos públicos e sua execução obedecem a normas rigorosamente estudadas, e, tanto quanto possível, padronizadas. O desenvolvimento econômico deve ser planejado e promovido em têrmos nacionais, com alta supervisão. A cobertura financeira acompanhará as exigências dessa política de produção e enriquecimento, de acôrdo com imperiosas indicações técnicas, as quais serão vigilantemente resguardadas da interferência de interêsses perturbadores. Com o crescimento constante das tarefas, dos empreendimentos e dos serviços, o Estado, representante e responsável pelo bem-estar do povo, teve de assumir, em muitos setores, atividades de produção, de transporte e de comércio. Para não

fracassar, foi mister transformar a máquina burocrática tradicional, racionalizando os serviços, e mais do que isso, criando órgãos novos, tènicamente montados, capazes de trabalhar de acôrdo com os métodos mais aperfeiçoados. Foi preciso substituir a burocracia parasitária, por uma tecnocracia competente e produtiva. Até na ordem jurídica, observa-se a influência do espírito técnico dos novos tempos. As leis são codificadas, condensadas em documentos básicos e renovadas conforme as exigências que a vida vai criando, ou consoante os efeitos que se tenha em vista produzir. A praxe e os costumes perderam fôrça como fonte do Direito, que passa a constituir uma técnica que visa a realizar, pela disciplina, o bem comum e a mais perfeita justiça.

É claro que tão notáveis progressos realizados no campo econômico teriam que refletir-se, necessariamente, no estilo de vida e no bem-estar do homem. Os inevitáveis sofrimentos da transição encontrariam largas compensações na segurança e no confôrto estendidos a um maior número de pessoas. A higiene liquidou as endemias esterilizantes e as epidemias mortíferas. A medicina deu combate eficaz, reduziu e eliminou muitas doenças. A máquina poupou o homem de trabalhos pesados e permitiu, em 100 anos, reduzir as horas de trabalho do operário, de 14 para 8 diárias, de 4.000 a 2.000 anuais, no mesmo passo que elevava a mais do dôbro as horas de lazer, ampliando-as, gradativamente, de 780 a 1.850. Simultaneamente, as crianças eram poupadas ao trabalho, e encaminhadas à escola. Hoje, 98% dos jovens até os 18 anos conservam-se dentro das escolas americanas. Que progresso, quando consideramos que, há 100 anos atrás, os meninos de 9 anos já ingressavam nas fábricas, para ser devorados por suas engrenagens sem alma, e que apenas 1% da população tinha oportunidades escolares. O enriquecimento, os transportes mais fáceis e as necessidades de preparo tecnológico do operário moderno permitem e exigem a educação popular e universal, a

escola para todos, ao em vez da escola para uns poucos privilegiados.

Por outro lado, para alcançar e desfrutar os benefícios da civilização tecnológica, os países terão que a ela se afeiçoar, na maneira de produzir e de viver. Terão que criar e educar o homem do nosso tempo. Que homem será êsse? Por certo não será o tipo tradicional, o padrão grego, que a educação ocidental cultivou durante tantos séculos como modelo de perfeição. Uns poucos, que tenham vocação para estudos clássicos, poderão continuar a fazê-los, e é bom que assim procedam, pois a sociedade necessita dessa variedade de culturas, para ser rica e harmoniosa. Mas a grande maioria, forçada pela necessidade de ganhar a vida, irá para o ensino profissional, aprender os ofícios, as técnicas e os métodos que orientam e sustentam a economia contemporânea. A escola acadêmica, verbalística e seletiva, ficará para uma minoria ancestralmente a ela afeiçoada. A escola do povo será a escola do trabalho, objetiva, utilitária e formadora. Assim procederá em todos os graus. No elementar, ensinará a leitura, a escrita e os rudimentos do cálculo, mas deverá iniciar as crianças em práticas educativas de trabalho, que serão uma ponte para ingressar, aos 14 anos, nas fábricas. No grau médio, ao lado da instrução intelectual correspondente, será feito o ensino profissional diversificado, criando operários classificados, mestres e técnicos para as atividades da indústria, da agricultura e do comércio. No grau superior, predominará também a orientação profissional, que prepara especialistas e técnicos nos variadíssimos misteres da vida industrial de hoje. Ressalta, pela decisiva influência na produção, a importância da formação de engenheiros, sôbre cujos ombros repousa a economia moderna. Qualquer empreendimento industrial necessita de um plano econômico, de um projeto geral, de projetos parciais, de especificações detalhadas, do projeto e desenho do equipamento, de técnicos que executem a obra projetada, dos que instalem e conservem a

maquinaria e daqueles que façam funcionar em regime de ótimo rendimento. Há, portanto, uma grande variedade de engenheiros e técnicos, de grande e de média preparação matemática, que as escolas superiores deverão formar, no desempenho do dever precípua de formar os jovens para se integrarem na sociedade como elemento produtivo.

Cometeríamos grave erro se restringíssemos o papel da escola à formação desses operadores fabris de baixo, médio e alto nível. A sociedade tecnológica necessita de homens de outro feitio, daqueles que possam, a certa distância, coordenar o trabalho isolado das unidades e dos grupos de produção, e, em escala ainda maior, dos que, pensando em termos nacionais, possam ordenar as atividades em função dos altos interesses do País, do seu bem-estar, de sua segurança e do seu futuro.

Em outras palavras, a escola, e aqui poderemos dizer, com propriedade, a Universidade, deverá formar, ao lado do profissional que produz, o líder que planeja, dirige e coordena os esforços comuns dos grandes setores nacionais e do País por inteiro. São administradores, gerentes de empresas, economistas, sociólogos, juristas, educadores, políticos e outros estudiosos, preparados para uma visão ampla e compreensiva dos fenômenos econômicos e sociais.

Mais ainda, há que considerar a marcha acelerada do progresso, montado nas asas poderosas da ciência e da técnica. Devemos estar equipados para acompanhá-lo. Isso só conseguiremos através de um corpo numeroso de cientistas e pesquisadores, de mentes inventivas que possam descobrir novos recursos materiais, novas energias e novos métodos de produção. São essas elites, extremamente reduzidas, que promovem o progresso humano. Assim tem sido através dos tempos e assim o será, cada vez mais, na era tecnológica que começamos a viver. Cumpre dar ambiente, recursos, estímulo e aprêço à obra desses homens providenciais,

que desvendam os segredos da natureza para melhor escravizá-la aos interesses do gênero humano.

Em meio ao automatismo, à imitação e à aprendizagem que subjagam o pensamento do homo faber, da economia moderna, os cientistas representam a inteligência acesa, viva, crepitante e fecunda, que é o próprio espírito humano a percorrer o ciclo dos tempos, em constante aperfeiçoamento. Honremo-los, pois, no mais iluminado altar de nosso aprêço, dando-lhe ampla e afetuosa acolhida no seio das sábias Universidades.

Pensemos no Brasil e preparemo-nos para servi-lo com amor, inteligência e trabalho. É certo que teremos de construí-lo com o nosso esforço organizado e perseverante. Vivemos um drama: a terra é rica e o homem pobre. Só há um meio de vencê-lo: trabalhar, produzir, transformar em utilidades as riquezas adormecidas. Não será um milagre do céu, senão a obra da vontade inteligente do brasileiro. Para dominar a natureza e dela tirar o maior proveito econômico, temos de empregar os meios mais poderosos, os instrumentos e os métodos que a ciência inventou, construiu e disciplinou. Nesta hora, o Brasil quer e precisa conhecer os próprios recursos. Volta-se para dentro de si mesmo, em vigorosa e fecunda introspecção. Quer saber o que realmente é, para imaginar o que poderá vir a ser. Quer lançar uma sonda em todos os terrenos, pesar, medir e classificar os problemas nacionais, para melhor revolvê-los. É uma atitude sadia, positiva, realista, que marca povo jovem, capaz de crescer e renovar-se.

Na linha dêsse pensamento, e falando perante uma assembléia universitária, quero assinalar como ainda conhecemos mal o nosso imenso e inexplorado subsolo. Não temos geólogos suficientes para descobrir, localizar e medir as jazidas minerais. Entretanto, é do seu labor sistemático que poderemos colher os frutos opulentos que a terra nos reserva. Somos milionários de ferro, ricos da manganês e alumínio. O zinco e o níquel já são

uma realidade. O estanho é abundante. O nióbio, uma fortuna fabulosa. As jazidas de monazita, tório e urânio enchem de justas esperanças os nossos corações, nessa alvorada de energia nuclear. E o petróleo? Apesar da descrença de muitos, vai jorrando da terra prodigiosa. A Amazônia encantada, sob a frondosa mataria, guarda reservas que desafiam o nosso engenho, mas que serão a garantia do nosso vigor de povo livre e soberano. O que sabemos a respeito do nosso subsolo são apenas as primeiras letras de um Brasil que sai da escola primária. É indispensável levantar a carta geológica do País, de modo sistemático, localizando e avaliando as jazidas, tendo em vista seu aproveitamento industrial.

Não é só a indústria que reclama energia e matérias primas, a agricultura tem fome de fertilizantes. O solo, secularmente desgastado, reclama tratamento fortificante, com fósforo, potássio, cálcio, azoto, matéria orgânica. Araxá e Olinda são justificadas esperanças de fosfatos abundantes, mas é necessário descobrir e mobilizar novos depósitos do subsolo, para substituir o que consumimos na exploração agrícola e pecuária e pela devastação do machado, do fogo e das erosões.

Prego um nacionalismo sadio, de fundo sentimental é certo, mas de olhos abertos para a realidade. Diante da natureza hostil, reage o homem com a emoção instintiva ou, mais raramente, com a lógica da razão. Comove-se ou pensa. O sentimento, se criou a arte, em nada contribuiu para o progresso material da humanidade. Êste, foi fruto da razão, que construiu a ciência, as técnicas, os instrumentos, as indústrias. Uma Universidade adota, necessariamente, padrões racionais para o trabalho. Sendo brasileira, deverá estudar, investigar, medir e classificar os fatos da vida nacional. Exprimi-los de modo exato, positivo, sem eiva de paixão e preconceitos. Formular soluções. Anunciar o progresso. Manter-se sempre em posição de escuta, para registrar os movi-

mentos que se processam no campo social, por natureza dinâmico, movediço, vivo e fecundo.

A Universidade, centro intelectual onde as inteligências se congregam, estimulam e armam soluções aos problemas comuns, a Universidade, pelo sentido abrangente de sua educação, prepara os futuros dirigentes do País. Se a política deve promover o bem comum, deverá começar pelo levantamento das necessidades e aspirações do povo. E lembremos, para não julgar fácil a questão, que muito diferentes são as diversas regiões do País, desdobradas em mais de 8 milhões de km², com recursos próprios e em fases distanciadas de evolução econômica.

Uma tendência, todavia, se nota no heterogêneo de nossa evolução social: a marcha para as cidades, a crescente plethora urbana, a expansão do parque industrial, o avolumar-se da massa operária. Com isso, um imenso desajustamento. No campo, a vida era mais fácil: plantava-se, colhia-se, consumia-se, e até se podia dar ao luxo de ser analfabeto. Nas cidades, é preciso ganhar dinheiro e disputar mercadorias. A cidade é também o confôrto da civilização. Cada um, aspirando à vida melhor, une-se ao irmão de infortúnio, formando a massa popular que reclama direitos, segurança e bem-estar. Constitui-se em fôrça política indisfarçável e poderosa. Como a estrutura econômica não comporta os privilégios reclamados, gera-se fatal descontentamento. Comparecem salvadores primários e demagogos ostensivos, que desorientam e exploram o povo, agravando-lhe a desgraça e anuviando o horizonte político. É o quadro de um Brasil que cresce desordenadamente, mas cresce, apesar de tudo, com fôrça irresistível.

Temos consciência do rumo que seguem essas novas fôrças populares, e o alvo colimado. A rota, no entanto, poderá ser arriscada e pontilhada de sofrimentos, se não fôr traçada com clarividência. Compete, exatamente, às elites pensantes, socorrer o povo em marcha, tornando ampla e segura, a estrada do

progresso. Para tanto, é necessário que essa elite deixe de ser movida por forças emotivas ou falsos propósitos, que passe a empregar dados objetivos e processos racionais, tornando-se dirigente autêntica, consciente e leal de seu povo. Começando pelo amor ao Brasil, haveremos de decifrar a esfinge do seu destino e preparar os caminhos luminosos do porvir. Um dia chegaremos à terra prometida. Essa Canaan de sonho não nos virá como milagre divino, mas, se nos esforçarmos por merecê-la, teremos, sem dúvida, a ajuda e as bênçãos do céu.

Esforcemo-nos, Senhores Professôres e todos quantos aqui nos reunimos, para festejar o 1º aniversário da Universidade do Ceará, para que ela possa cumprir o nobre dever de educar a mocidade brasileira no culto às virtudes eternas do amor, da justiça e da verdade. Que Deus inspire e ilumine a estrada do seu futuro, fazendo-a ampla, ascencional e infinita.